

# O acordo sobre mudança climática: consenso por meio da ciência

JEFFREY SACHS

APESAR DA oposição dos EUA ao Protocolo de Kyoto sobre mudança climática, o mundo alcançou um acordo histórico em Bonn, Alemanha, sobre a implantação do acordo. Apesar de os principais países industrializados ainda terem de ratificar o tratado, parece provável que a maioria das nações o fará, de forma que o processo de controle de mudanças climáticas acarretadas pelo homem possa começar. O acordo alcançado é um triunfo do processo científico, que deve ser estendido a outras áreas.

As mudanças climáticas acarretadas pelo homem não só são de enorme importância, mas também de tremenda complexidade. A teoria básica sobre como a sociedade está aquecendo o ambiente por meio da queima de combustíveis fósseis foi delineada há mais de cem anos. Mas os modelos teóricos do ambiente terrestre existem há apenas algumas décadas e permanecem imperfeitos. Ao mesmo tempo, o próprio clima está sujeito a grandes variações em temperatura, chuvas e em outros fatores que não são relacionados à atividade humana. Separar o fator humano do fator

natural é desencorajador.

Isso torna ainda mais notável o fato de o mundo ter acordado em torno de uma abordagem da questão. Não só é complexa e incerta a ciência envolvida, como países têm interesses divergentes. Países tropicais podem ser prejudicados pelo aquecimento global, enquanto países frios podem se beneficiar dele. Países costeiros podem sofrer danos pelo aumento do nível dos oceanos, enquanto países sem saída para o mar podem ficar quase incólumes.

Países produtores de carvão e petróleo podem ser prejudicados se o mundo reduzir seu consumo de combustíveis fósseis; produtores de outros tipos de energia, como a hidrelétrica, podem se beneficiar. Há inúmeros interesses e muita incerteza subjacentes ao processo de mudança climática.

Como, então, o mundo chegou a um acordo, mesmo sobre apenas o primeiro passo de um mecanismo de ação que durará décadas? Diplomatas merecem crédito por terem feito concessões e barganhas. Mas elogios são devidos à comunidade científica, que operou com habilidade e objetividade, apesar de lobbies agressivos

de indústrias, organizações ambientais e países com pontos de vista e interesses diversos.

Cientistas organizaram o processo de análise de forma a colocar as evidências em primeiro lugar, forçando políticos a confrontar a realidade. Os detalhes desse vasto esforço científico oferecem lições sobre como abordar outros problemas globais. Em 1988, duas agências das Nações Unidas estabeleceram o Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC, na sigla em inglês).

O IPCC é uma vasta rede de cientistas dedicados à avaliação do conhecimento científico sobre mudança climática e suas ligações com a sociedade humana. Centenas de cientistas participam, e todos os esforços são feitos para garantir objetividade, imparcialidade e excelência científica ao julgar as evidências. A cada cinco anos, o IPCC prepara um relatório para a liderança política global. O Terceiro Relatório de Avaliação está sendo finalizado. Partes dele têm sido divulgadas e amplamente discutidas, confirmando a evidência de grandes efeitos de ações humanas no clima.

Vários grupos industriais com

interesses financeiros no uso de carvão, petróleo e outros combustíveis fósseis atacaram a teoria de mudança climática, procurando minar a credibilidade do IPCC. Alguns cientistas, às vezes de outras áreas, afirmaram não existir mudança climática acarretada pelo homem, ou que ela havia sido superestimada. Outros acusavam o IPCC de ter viés político.

Havia muito em jogo, pois o Protocolo de Kyoto prometia levar a mudanças significativas de longo prazo no papel exercido pelo setor energético e nos tipos de tecnologia energética a serem adotados no futuro. Havia, e permanecem, enormes incertezas científicas, então era fácil declarar que havia pouca evidência.

Quando o presidente George W. Bush tomou posse nos EUA, grupos de interesses continuaram a lutar contra o IPCC. A administração Bush inicialmente afirmou que a ciência da mudança climática era incerta demais para subsidiar políticas. Em uma ação positiva, o presidente então pediu que um comitê especial da Academia Nacional de Ciências dos EUA revisasse o trabalho do IPCC. A academia relatou que o IPCC havia

representado de forma justa e precisa a evidência sobre mudança climática tal qual ela existe.

Por causa do trabalho meticuloso do IPCC, o mundo conseguiu ir além das habituais trocas de insultos e debates sectários, de forma a alcançar uma compreensão do que verdadeiramente está em jogo em relação à mudança climática causada pelo homem.

Apesar de algumas empresas e interesses regionais poderosos poderem ser adversamente afetados pelas ações globais na hora de limitar mudanças climáticas acarretadas pelo homem, a credibilidade da ciência triunfou sobre interesses financeiros. Isso devido a cientistas usando seus talentos adequadamente e organizando seus esforços de forma transparente e profissional.

Ainda é cedo para declarar vitória no controle da mudança climática causada pelo homem. Isso requererá esforços a serem feitos durante décadas. Mas o mundo deu início ao processo. Apesar de os EUA ainda não serem partidários do novo acordo, o peso da ciência vai empurrar os EUA a exercer um papel mais construtivo no futuro, mesmo se os políti-

cos norte-americanos continuarem a lutar contra o processo.

Na nossa sociedade interconectada e baseada em tecnologia, questões de complexidade científica vão crescentemente afetar nossas vidas. Como deveríamos lutar contra a Aids? Deveríamos persistir na modificação genética de plantas de forma a melhorar os sistemas agrícolas? Como lidar com a escassez de água potável em algumas partes do mundo? Como poderíamos preservar a diversidade biológica?

Em cada caso, políticos e diplomatas serão necessários para conciliar interesses divergentes de forma cooperativa. Mas também precisaremos obter informações científicas quanto mais precisas e objetivas for possível para nos ajudar a escolher o melhor curso de ação. O IPCC demonstra que cientistas de países ricos e pobres podem trabalhar juntos em um processo sistemático para oferecer informação objetiva, mesmo em tópicos complexos com interesses altamente divergentes.

Jeffrey D. Sachs é professor da cátedra Galen L. Stone de Economia e diretor do Centro para o Desenvolvimento Internacional da Universidade Harvard

Documentação

Fonte: FSP - Ciência

Data: 28/01/2001

Class.: 10

Página: 112